



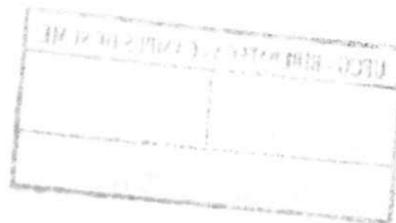
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, COM ÊNFASE EM ECONOMIA
SOLIDÁRIA PARA O SEMIÁRIDO PARAIBANO
CAMPUS III - SUMÉ- PB

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA EJA SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA

[Faint handwritten signature]

Amanda da Silva Prata

AMANDA DA SILVA PRATA



**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA EJA SOBRE ECONOMIA
SOLIDÁRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Ms. Luiz Antônio Coêlho da Silva.



P912p Prata, Amanda da Silva.

Percepção dos estudantes da EJA sobre economia solidária. / Amanda da Silva Prata. - Sumé - PB: [s.n], 2013.

34 f.: gr.: il.

Orientador: Prof. Ms. Luiz Antonio Coêlho da Silva.

Monografia (Especialização) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária do Semiárido Paraibano.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Economia solidária. 3. Percepção. I. Título.

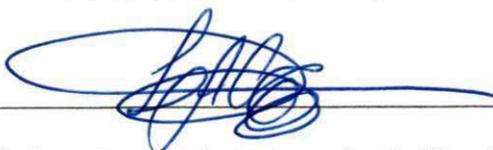
UFPG/BS

CDU: 37:334.73(043.1)

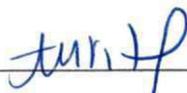
AMANDA DA SILVA PRATA

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA EJA SOBRE ECONOMIA
SOLIDÁRIA**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Orientador Ms. Luiz Antonio Coêlho da Silva



Prof^ª. Examinadora Ms. Adriana Meira Vital



Prof^ª. Examinadora Dr^a. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima

Aprovado em 30 de Setembro de 2013.

UNICAMP BIBLIOTECA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pelos dons, sem Sua presença constante em minha vida inúmeras realizações não seriam possíveis.

Aos meus pais, Ademir e Socorro, pela dedicação destinada a mim.

Aos meus irmãos, Alan e Ayanne, pelo companheirismo.

Ao meu namorado, Tony, pelo apoio incondicional.

Aos meus colegas de curso, em especial a Allyson Prata, Marizelna Leite e Roberta Santa Cruz, por tantos momentos incríveis compartilhados juntos e pela força transmitida nas horas difíceis.

Aos nossos professores, de maneira especial ao meu orientador, Prof. Ms. Luiz Antonio Coêlho da Silva, por sua disponibilidade para orientar-me e pelas contribuições oferecidas.

À Profª. Ms. Adriana Meira Vital, por suas valiosas contribuições.

À nossa coordenadora, Profª. Drª. Lenilde Mérgia Ribeiro Lima, por fazer-se sempre presente durante o curso.

À amiga Ana Paula Brito, por sua disponibilidade para ajudar em todos os momentos.

A todos os que contribuíram direta ou indiretamente para esta realização.

RESUMO

O tema Economia Solidária vem sendo cada vez mais discutido na atualidade. Este trabalho partiu de uma inquietação a respeito da discussão sobre Economia Solidária nas escolas, mais especificamente nas salas de aula de EJA. Durante o curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária, na UFCG, Sumé/PB, foram discutidos amplamente os conceitos relativos a esta economia alternativa, sempre buscando estabelecer relações entre educação de jovens e adultos e economia como uma forma de modificar uma realidade social insustentável, gerada pelo atual sistema econômico: o Capitalismo. Entretanto, não se sabe como se dá esta discussão nas escolas nem se de fato ela ocorre. Assim, buscou-se ao longo desta investigação identificar a percepção que os jovens e adultos, estudantes, têm sobre Economia Solidária. Assim, o presente trabalho objetiva apresentar a importância de disseminar a perspectiva da Economia Solidária nas escolas para alunos de EJA, visando oferecer uma nova visão a este público, que tanto busca inserir-se no mercado de trabalho. Realizou-se uma pesquisa descritivo-exploratória, com abordagem qualitativa junto a estudantes de EJA de uma escola municipal do município de Monteiro - PB, e verificou-se que estes estudantes nunca ouviram falar sobre os princípios da Economia Solidária, portanto, precisam conhecer a Economia Solidária e assim disseminar esta nova economia que prega a igualdade, união, sustentabilidade e solidariedade.

Palavras- Chave: Educação de Jovens e Adultos, Economia Solidária, percepção.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1	A educação de jovens e adultos e suas especificidades.....	9
2.2	Economia Solidária: uma alternativa ao Capitalismo.....	13
2.3	A expansão da economia solidária no Brasil.....	14
2.4	Educação e Economia Solidária: uma união necessária.....	17
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
4.1	Perfil dos participantes da pesquisa.....	23
4.2	O que os estudantes da EJA sabem sobre economia solidária?.....	26
5	CONCLUSÕES.....	29
6	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE A.....	32
	APÊNDICE B.....	34

1 INTRODUÇÃO

Diante da grande expansão das iniciativas relacionadas à economia solidária no Brasil, faz-se importante refletir sobre este novo tipo de economia, quais as suas características e prioridades e no que ela difere do capitalismo. Vale ressaltar que a educação é entendida como uma ferramenta capaz de socializar o ser humano, de fazê-lo conhecer e refletir sobre a sociedade em que habita; seria, desta forma, um meio de formar indivíduos ativos, capazes de interagir com outros e modificar sua realidade.

Direcionamo-nos na tentativa de relacionar constantemente Economia Solidária à educação e, mais especificamente, à educação de jovens e adultos (EJA), já que normalmente o público da EJA busca na retomada dos estudos uma forma de recuperar o tempo perdido e preparar-se melhor para o mercado de trabalho; porém muitas vezes o currículo escolar não considera algumas necessidades que são tão específicas deste grupo, e passam despercebidos temas que seriam fundamentais para estes estudantes, como é o caso da economia solidária. Reflexões e discussões a respeito deste tema nas aulas de EJA poderiam fazer diferença no sentido de que promoveriam debates válidos, podendo despertar o interesse de jovens e adultos para criar formas alternativas de sobrevivência para um grupo, que comumente sente necessidade de ver-se incluído no mercado de trabalho. Por outro lado, este tipo de estímulo oferecido pela escola poderia fazer com que os estudantes vissem mais sentido e finalidade prática nos conteúdos estudados, já que poderiam aproveitar muitos destes conhecimentos para modificar de forma consciente sua realidade.

Neste sentido, o presente trabalho objetiva de forma geral verificar a percepção dos estudantes da EJA sobre Economia Solidária, visando oferecer uma nova perspectiva a este público, que tanto busca inserir-se no mercado de trabalho. Buscamos como objetivos específicos caracterizar o público que compõe a EJA, analisando aspectos como sexo, idade e profissão; além de identificar que tipo de conhecimentos este público tinha a respeito de economia solidária, e possibilitar o debate a respeito do que seria esta forma alternativa de economia. Este debate foi realizado na própria sala de aula do terceiro ano, onde foram apresentados conceitos básicos relacionados à Economia Solidária.

Sendo assim, a problemática do estudo é: **como identificar se os alunos da Escola Estadual João de Oliveira Chaves, localizada em Monteiro têm algum conhecimento a respeito de economia solidária e, caso sim, como e quando passaram a conhecer esta forma de economia?**

Este trabalho justifica-se pela curiosidade do pesquisador a respeito da temática em questão e pelo fato de que este é um tipo de economia crescente em nosso país, e que traz alternativas muito válidas para a melhoria das condições de vida em geral. É importante que cada vez mais pessoas se conscientizem de que a solidariedade deve ser ferramenta primordial para que a sociedade tenha melhores perspectivas de futuro. Justifica-se ainda pela contribuição acadêmica do tema e para a busca pela conscientização dos alunos da pesquisa a respeito da economia solidária.

Para a realização desta pesquisa foi feita uma pesquisa descritivo-exploratória, com aplicação de questionário e anotações no diário de campo do pesquisador.

Faz-se necessário desde já pensar em como viverão as gerações futuras, pois se o consumismo desenfreado e a despreocupação com o meio ambiente persistirem não se sabe até quando o planeta poderá resistir. Desta forma, a solidariedade torna-se imprescindível para que, saindo do nível da reflexão, se possa partir para ações efetivas, capazes de operar mudanças que se fazem muito necessárias.

Refletindo sobre isto, pensou-se em encontrar meios de levar estas reflexões até a escola, ambiente onde o ensino e a aprendizagem devem ser constantes. Assim, o foco desta investigação é uma turma de EJA do 3º (terceiro) ano da Escola Estadual João de Oliveira Chaves, localizada em Monteiro – Paraíba, em 2013.

O artigo está dividido em introdução, referencial teórico, procedimentos metodológicos, análise dos resultados e discussão, conclusão e referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A educação de jovens e adultos e suas especificidades

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) volta-se prioritariamente para um grupo específico que, por razões diversas, não teve acesso à escola na faixa etária indicada, ou, mesmo tendo total acesso ao ambiente escolar não pôde ou não quis aproveitá-lo, também por razões diferenciadas. Sabe-se que em algum momento de suas vidas muitos jovens e adultos sentirão falta de algum certificado que ateste um nível razoável de escolaridade, uma vez que o mercado de trabalho a cada dia exige mais preparo dos indivíduos. Como consequência da falta de preparo em termos de escolarização, muitos jovens e adultos são comumente excluídos do mercado de trabalho, o que pode ser facilmente identificado observando-se o alto índice de desemprego que o Brasil possui atualmente, apesar do crescimento industrial e comercial que o assola.

De acordo com Vivian (2007, p. 6):

A Educação de Jovens e Adultos que, a partir da Lei 9.394/96, se regulariza e supera o antigo ensino supletivo de proposição de um currículo escolar aligeirado e homogêneo, configura-se sob a ótica de um projeto educacional mais amplo (MOLL, 2004) e inovador, porque passa a se constituir como modalidade específica de Educação Básica que atende aqueles que tiveram negada a experiência educacional na infância ou adolescência pelos mais diversos fatores. As práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA, em sua maioria, também sofrem modificações e passam a poder envolver ainda mais a experiência do educando como ponto de partida para o desenvolvimento do ensino formalizado.



Como uma modalidade diferenciada de educação, visto que atende ou busca atender às necessidades de um grupo específico (jovens e adultos), a Educação de Jovens e Adultos deve ter em conta o contexto social em que estão inseridos seus educandos, suas necessidades e anseios. Não se pode oferecer a este grupo o mesmo ensino sistematizado para as crianças e adolescentes, já que o que provoca motivação no primeiro grupo, pode não despertar o interesse no segundo, e vice-versa; quanto a isto, Ireland (2001, p. 154) afirma que:

A educação básica tem, nesse início de século, mais do que nunca, o grande desafio de atender, com qualidade, a grandes quantidades de pessoas. Para isso, considera-se que o perfil da população a ser escolarizada é que deve ser o critério a partir do qual a oferta escolar deva se organizar, adequando-se esta àquele.

Assim, é necessário pensar a EJA considerando a vivência dos aprendizes, o que os fez deixar a escola no passado e o que os fez retornar a esta instituição, saber de onde vêm estes alunos e onde querem chegar faz-se de suma importância para que os educadores que participam desta modalidade de ensino possam organizar seus objetivos de forma a oferecer a estes aprendizes conteúdos que possam ser úteis para o seu cotidiano, que façam sentido de alguma maneira, do contrário, sem ajudar o aluno a contextualizar informações e encontrar sentido para o que está aprendendo, corre-se sempre o risco de que a evasão seja frequente nas salas de aula de EJA. Em relação a isto, Freire (2011, p. 119-120) comenta que “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política”. Portanto, é imprescindível que a prática educativa seja bem direcionada e considere sempre a realidade dos aprendizes, não desprezando seus saberes cotidianos e suas práticas de vida no grupo social em que está inserido.

Sobre as condições específicas nas quais se desenvolve a educação de jovens e adultos, o próprio Parecer CNE/ CEB 11/2000 aborda a questão dos muitos casos de crianças e adolescentes que não terminam o ensino fundamental no prazo pré-estabelecido e acabam demorando mais tempo neste nível de ensino, atrasando sua passagem para o nível médio, isto acontece no caso dos que continuam estudando, muitos desistem e saem da escola antes mesmo de concluir o ensino fundamental, ou, ainda que cheguem ao nível médio, desistem antes da conclusão.

Quanto a este problema são lançadas soluções diferenciadas, uma delas seriam as classes de aceleração que o governo lança, com o objetivo de dar ferramentas para que estas crianças e adolescentes que apresentam maiores dificuldades possam adquirir o mesmo nível que seus companheiros de sala e não fiquem para trás, repetindo o ano. Uma solução posterior seria a Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma vez que algumas destas crianças e adolescentes que não conseguem terminar os estudos no tempo indicado acabam retornando à escola anos depois. De acordo com o Parecer 11/2000 “as primeiras são um meio didático-pedagógico e pretendem, com metodologia própria, dentro do ensino na faixa de sete a quatorze anos, sincronizar o ingresso de estudantes com a distorção idade/ano escolar” (p. 5). “Já a EJA é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas”(p. 5). Portanto, o EJA surge com a intenção de solucionar problemas educacionais que assolam um grande contingente de alunos que não puderam estudar na época certa, mas que ainda acreditam na educação e nos frutos que esta pode proporcionar em sua vida pessoal e profissional.

Um dos problemas que a educação de jovens e adultos busca solucionar é o analfabetismo, que ainda apresenta índices relevantes na realidade brasileira. Assim, a função da EJA não é apenas possibilitar que alguns jovens e adultos que abandonaram a escola no passado possam retornar a esta instituição, mas também possibilitar que muitos jovens e adultos que nunca foram alfabetizados possam sê-lo: “Fazer a reparação desta realidade, dívida inscrita em nossa história social e na vida de tantos indivíduos, é um imperativo e um dos fins da EJA porque reconhece o advento para todos deste princípio de igualdade” (PARECER CNE/CEB 11/2000, p. 6). Assim, é uma dívida histórica a diminuição dos índices de analfabetismo no Brasil, o qual por anos não priorizou em suas políticas públicas a educação de jovens e adultos, tão importante para o desenvolvimento econômico, educacional e social do país.

Quanto à idade mínima para o ingresso na EJA, a Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010, que institui diretrizes operacionais para a EJA no que diz respeito à duração dos cursos, idade mínima para ingresso e certificação nos exames de EJA, e ainda trata de aspectos relativos à educação de jovens e adultos desenvolvida por meio da educação a distância, apresenta como idade mínima para ingressar nesta modalidade de ensino: 15 anos para o segundo segmento do ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio; estas idades, segundo o mesmo documento, são válidas para o ensino presencial e para a educação a distância.

Em relação ao público da EJA, este pode ser bastante diversificado, incluindo desde pessoas jovens até pessoas idosas, de profissões também diferenciadas e com histórias de vida diferentes, ainda que suas realidades possam ser semelhantes. Assim:

A EJA, como um processo de construção de cidadania consciente e ativa, a partir do respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos, associa-se, então ao combate a todas as formas de exclusão. Isso implica em criar instrumentos e políticas que conduzam ou reconduzam para os sistemas educativos jovens e adultos que dele se distanciaram, resgatando múltiplas formas e espaços de aprendizagem de modo a ampliar o acesso e aumentar a probabilidade de suas permanências nos sistemas de ensino - que, para tal, necessitariam ter práticas e valores aprimorados. A própria incorporação, a esses sistemas, de uma EJA assim concebida, seria um dos vetores de tal aprimoramento (IRELAND, MACHADO e IRELAND, 2005, p. 96).

Outra característica importante, em relação ao público da EJA, é que normalmente estes jovens e adultos que momentaneamente se encontraram excluídos da vida escolar, retornam à escola porque precisam também ser inseridos no mercado de trabalho, que cada vez mais exige maior qualificação. Desta maneira, a EJA é sempre atrelada à possibilidade de

inserção de muitos indivíduos no mercado. A própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 20 de dezembro de 1996, considera este público trabalhador no seu artigo 37, no qual se afirma que: “§ 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. E este artigo mesmo continua: “§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)”. Portanto, a EJA deve estar concatenada com o ensino profissional, para que seus alunos busquem se profissionalizar e alcançar um lugar no mercado de trabalho, que ora fica cada vez mais competitivo e exigente.

Logo, ao considerar um público que busca inserção no mercado de trabalho, os docentes da EJA devem estar atentos a esta especificidade tão típica desta modalidade de ensino, e que a faz diferente do ensino básico oferecido a crianças e adolescentes. Por este motivo, é importante analisar bem os conteúdos oferecidos a este público (alunos da EJA), para que estes estudantes possam estabelecer relações entre o conhecimento sistematizado e o seu próprio conhecimento de mundo. Esta análise dos conteúdos da EJA e das estratégias de ensino utilizadas nesta modalidade faz-se importante também para que o jovem ou adulto não seja infantilizado no processo de ensino/aprendizagem, recebendo conteúdos com as mesmas estratégias de ensino que recebem as crianças no ensino regular, por exemplo. Quanto a isto Ireland, Machado e Ireland (2005, p. 93) apontam que construir uma educação de jovens e adultos que tenha o aluno como figura central de sua proposta educativa:

[...] significa superar uma proposta de escola que copia o formato daquela que atende às crianças e aos adolescentes. A própria diferença de terminologia – “adolescente”, usada pela escola convencional, e “jovem”, usada pela EJA – já sinaliza para a necessidade de atentar-se para nuances que têm, muitas vezes, passado ao largo das discussões educacionais. A construção de uma EJA com características próprias já está garantida em lei, mas parece ter impactado pouco os sistemas de ensino até agora.

Assim, levando em consideração a necessidade de boa parte dos jovens e adultos da sociedade atual de retornar a um mercado de trabalho, do qual por vezes foram excluídos por não possuir formação necessária, e sua conseqüente necessidade de retornar à sala de aula, vendo neste ambiente um meio de reparação do tempo perdido anteriormente, faz-se imprescindível que todos os profissionais envolvidos de alguma forma com a educação de jovens e adultos, reflitam sobre esta realidade, buscando pensar alternativas que possam ajudar seus educandos a lograr êxito na tentativa de voltar a incluir-se no mundo do trabalho. Entretanto, como afirma Kruppa (2005, p. 24):

A escola recebe uma forte transferência de conceitos da economia capitalista, que vem se mantendo com hegemonia. A teoria econômica que reforça os valores da competição e da análise individual é a de tradição "marginalista". Essa teoria considera que o indivíduo age movido por seus desejos e necessidades, com capacidade natural de fazer cálculo subjetivo de custos e benefícios em relação a cada oportunidade de trabalho que lhe é oferecida, e guiada sempre pela expectativa de lucro.

Desta maneira, quando se fala em trabalho, normalmente se pensa na ideia capitalista de competição, e em um cenário onde só os fortes sobreviverão. Neste contexto, a escola como forte instituição preparadora para este mercado por vezes reflete este ideal capitalista dentro das próprias salas de aula, onde alunos competem entre si qual terá a maior nota, refletindo nestes comportamentos a velha (e tão atual) teoria de Darwin de que só os melhores conseguirão seu espaço, sendo os mais fracos destruídos, ou neste caso, excluídos.

Refletindo sobre o que move muitas pessoas a voltarem à escola nos dias de hoje, que normalmente é a necessidade de emprego; e nas poucas possibilidades que oferece o atual sistema capitalista, que adotando a regra do "que vença o melhor" exclui inúmeras pessoas, seguiremos refletindo sobre uma forma de economia alternativa ao sistema capitalista chamada de Economia Solidária (ES), que busca em sua essência a melhoria da qualidade de vida de todos os seus associados, a solidariedade e a autogestão como pilares desta nova economia.

2.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma alternativa ao Capitalismo

Recentemente (década de 1980), no Brasil, passou-se a falar em uma nova forma de economia, que poderia representar uma alternativa ao atual sistema econômico – o Capitalismo. Mas que tipo de economia seria esta? Quais seriam as suas características?

Definir esta nova economia, que apresenta como característica principal a solidariedade não é tão fácil, como aponta Silva (2010, p. 29):

Não existe um conceito pronto de economia solidária, pois sempre se insere novos dados e informações, todavia, já se tem muitos princípios e conhecimentos formados sobre o assunto em questão. É neste contexto, de alternativa ao capitalismo, de socialismo real, que surge essa nova forma de economia, onde todos têm direito a tudo, onde não existem explorados e onde a autogestão está presente em todas as esferas da produção.

Segundo estas informações na nova forma de economia (economia solidária), todos teriam direitos iguais, ninguém seria explorado e um ponto forte do sistema seria a autogestão, onde todos os envolvidos seriam responsáveis pela administração dos bens e da

Lechat (2002, p. 11) afirma que “o conceito economia de solidariedade aparece pela primeira vez no Brasil em 1993 no livro Economia de solidariedade e organização popular, organizado por Gadotti”. A autora ainda cita um trecho deste livro, em que o autor chileno, Luiz Razeto, define como economia de solidariedade:

[...] uma formulação teórica de nível científico, elaborada a partir e para dar conta de conjuntos significativos de experiências econômicas [...]-, que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas (RAZETO, 1993, p. 40 *apud* LECHAT, 2002, p. 11).

Como observamos os princípios de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão passam a aparecer relacionados à idéia de uma nova forma de economia, o que parece uma contradição se considerarmos que “a economia seria o mundo da competição, da concorrência e da guerra de todos contra todos” (KRAYCHETE, 2002, p. 1). A economia solidária, no entanto, surge para comprovar que é possível unir solidariedade à economia e criar meios de sobrevivência para o bem de todos.

Com a crise do Capitalismo, se gerou um desgaste social muito grande, que exigiu o surgimento de uma nova economia. Neste sentido, em relação ao Brasil:

Avanços já são consideráveis no país, com a presença inclusive de algumas experiências de políticas governamentais motivadoras dos princípios éticos e da autogestão. Mas tudo isso, contudo, ainda se refere a uma fase inicial do desenvolvimento possível da economia solidária no Brasil. Ademais, não há ainda um programa que aponte para horizontes possíveis em termos de promoção da economia solidária (POCHMANN, 2004, p. 30).

De acordo com o trecho supracitado, há em nosso país notáveis avanços no que diz respeito ao surgimento de uma nova forma de economia, e apesar das incertezas quanto ao futuro, como cita o autor, nota-se um constante crescimento deste tipo de economia. O Sistema de Informações em Economia Solidária (SIES) apresenta informações importantes sobre a presença deste tipo de economia em nosso país:

O SIES é um sistema de identificação e registro de informações dos empreendimentos econômicos solidários e das entidades de apoio, assessoria e fomento à economia solidária no Brasil que se orienta pelos conceitos constantes na Portaria do MTE, Nº 30, de 20 de março de 2006 (MTE, 2006, p. 10).

De acordo com este sistema (SIES), no ano de 2006, havia no Brasil quase 20.000 empreendimentos econômicos solidários, distribuídos em mais de 2.200 municípios (total que

corresponde a 41% dos municípios brasileiros), já no ano seguinte (2007) este número ultrapassou um total de 21.850 empreendimentos. Ainda segundo o SIES (2006) os empreendimentos econômicos solidários brasileiros estavam mais concentrados na região Nordeste, que contava com 44% destes empreendimentos; os outros 56% estavam distribuídos pelo restante do país: 13% no Norte, 17% no Sul, 12% no Centro-oeste e 14% no Sudeste.

A exclusão social e o desemprego, sem dúvida foram importantes fatores que desencadearam o florescimento de empreendimentos de caráter solidário no Brasil no início da década de 1980, muitos destes empreendimentos receberam incentivos das pastorais sociais da Igreja Católica. A cooperação e a associação logo passaram a representar boas formas alternativas de trabalho, o que representou também a melhoria de renda dos cooperados ou associados. Assim, estas iniciativas vêm trazendo significativos resultados no que diz respeito à geração de novas formas de trabalho e à criação de renda, o que também traz consequências positivas para o desenvolvimento de determinadas regiões e a construção e o fortalecimento da cidadania.

A educação desempenha uma função primordial para o surgimento de iniciativas solidárias.

Segundo Freire, a educação tem o papel de realizar a mediação entre o sujeito e o mundo, tem a ver com mobilização e organização popular para exercício do poder que a luta popular, vai conquistando com o processo histórico no qual o ser humano produzindo o mundo, se reproduz. Ela implica, em conscientização e ação, entendidas como o esforço das classes populares em retomar seu destino histórico, a produção de suas vidas e a sua cultura em suas próprias mãos. Assim, não tendo que continuar sendo submisso e “alienado” à classe dominante (FREIRE, 2001 *apud* SILVA, BARCELOS e CORRÊA, 2008, p. 8).

Considerando o fato de que a maioria do quadro de associados ou cooperados é formada por pessoas humildes e que por variados motivos não conseguiram ser incluídas no mercado de trabalho formal, regido pelo capitalismo; principalmente por não possuírem um adequado nível de escolaridade para concorrer neste mercado em que a competição é a palavra chave. Por isto, seria de extrema importância investir em um processo de educação para a libertação do ser humano, que possa contribuir para que muitas pessoas possam competir igualmente no mundo do trabalho, e ter sua dignidade restituída, através da sua reinserção no mercado, ganhando dignidade e renda. Sobre estas questões refletiremos a partir de agora.

2.4 EDUCAÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma união necessária

Tratou-se, anteriormente, de temas relacionados à educação de jovens e adultos, suas características e as leis que regem esta modalidade educacional; em seguida, refletiu-se sobre questões relacionadas à economia solidária. Agora refletir-se-á sobre como seria possível unir educação e economia de forma que cada vez mais indivíduos pudessem, através da educação, modificar sua situação econômica.

Aqui trata-se especificamente da educação de jovens e adultos, porque, como já discutido anteriormente, normalmente o que move este grupo (jovens e adultos) a voltar à escola é a necessidade de qualificar-se, e conseqüentemente ir à busca de emprego, daí a especificidade deste grupo, quando consideramos que as crianças, por exemplo, não vão à escola porque precisam de emprego imediatamente, mas vão para preparar-se gradualmente, para que quando chegue o tempo certo possam estar prontas para o mercado. No caso dos jovens e adultos esta necessidade é imediata, é uma questão de reparação daquilo que já se perdeu, assim: quanto antes terminarem os estudos, melhor a situação para buscar reintegrar-se ao mundo do trabalho. Isto talvez possa explicar porque a educação na EJA dura menos tempo que no ensino regular; na educação de jovens e adultos é possível cursar duas séries no período de um ano, justamente porque este público tem pressa para qualificar-se de acordo com as exigências atuais do mercado de trabalho contemporâneo.

Esta corrida que alguns jovens e adultos percorrem contra o tempo, quando resolvem voltar a estudar, justifica-se pelo fato de que estas pessoas querem adequar-se às necessidades vigentes, que são exigências lançadas pelo sistema capitalista. O que muitos não se dão conta é que mesmo qualificando-se poderão ficar desempregados, porque, infelizmente, “[...] no mercado não há lugar para todos” (GENTILI, 2002, p. 54). Portanto, mesmo se tendo a qualificação devida muitas vezes se fica desempregado. Hoje, a garantia de um certificado ou diploma não é mais garantia de vaga garantida nos postos de trabalho.

Na verdade, a sociedade atual vive a mercê das exigências do sistema capitalista. Neste contexto, o Decreto 2.208/97, no artigo 1º, inciso III, apresenta como importantes objetivos da educação profissional “especializar, aperfeiçoar e atualizar o trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos”. O inciso IV do mesmo artigo apresenta a importância de qualificar e requalificar jovens e adultos de acordo com as exigências do mercado de trabalho. De acordo com Fernandes (2004, p.5- 6) o presente decreto “[...] comprova que a ênfase na (re) qualificação dos trabalhadores, com o viés da formação de mão de obra para as

exigências do mercado de trabalho, constitui a grande bandeira da legislação [...]”. Com isso, verifica-se que é fundamental a união da teoria e da prática nas escolas para que o aluno possa se inserir no mercado de trabalho.

Entretanto, deve considerar-se que o mercado não pode ser visto como um produto, mas como um processo, que sofre modificações de acordo com o tempo e as necessidades.

É necessário refletir sobre a insustentabilidade do sistema capitalista, que se mostra muito eficaz quando o assunto é produção de renda, mas não apresenta a mesma eficácia quando se trata de distribuição de renda; tornando-se assim um sistema no qual poucos detêm o capital e muitos têm seu trabalho explorado, formando uma espécie de pirâmide, onde muitos que ganham pouco sustentam, desde a base, uma minoria que se mantém no topo. Além disso, o Capitalismo não se mostra insustentável somente do ponto de vista econômico, já que exclui muitos indivíduos, mas também do ponto de vista ecológico, já que não se vê uma preocupação com o meio ambiente, uma vez que é um sistema que prega o consumo desenfreado, sem pensar em soluções para minimizar o desgaste ambiental que este consumo provoca. Já a economia solidária se preocupa com o meio ambiente e o consumo consciente dos recursos naturais em todo o processo produtivo e de comercialização dos produtos.

É imprescindível na atualidade educar indivíduos alertando-os para questões que se tornam fundamentais; não se pode desenvolver, nesta realidade, pensamentos individualistas e práticas solitárias; é necessário pensar um pouco mais além, pensar no próximo, nas gerações futuras e no planeta que deixaremos como herança para os que estão por vir. É necessário mobilizar, chamar à reflexão e conscientizar as pessoas a respeito destas questões, e quem melhor que a escola para promover este debate, que se faz de extrema importância? O problema é que muitas vezes a escola se fecha, está mais voltada para a preocupação com o cumprimento de um currículo pré-formulado, que muitas vezes não se adequa a muitas realidades, e deixa de trazer às salas de aula temas atuais, e que precisam ser (re) pensados com urgência. Kruppa (2005, p. 22) acredita que:

Uma das explicações para o freio conservador da escola está em seu isolamento da realidade. Envoltos pela rotina e fechados em muros, a escola não tem sensibilidade para o movimento da vida, distante dos problemas e das alternativas que a população cria para sobreviver. Essa não é uma situação incomum.

Diante da realidade que se apresenta é preciso refletir sobre novos modos de vida, já que a dinâmica social é constante e é necessário acompanhar estas mudanças. Pensando nisto,

é importante considerar esta nova alternativa de economia que se apresenta e que busca trazer à tona o princípio da solidariedade, que aparentemente vem sendo esquecido.

Quanto ao público da EJA, é importante que este público conheça e reflita sobre os princípios da economia solidária, pois, como já visto: o mercado capitalista não tem espaço para todos. Considerando este dado, é válido pensar em outras formas de trabalho que não o trabalho assalariado, e os jovens e adultos que buscam modificar suas realidades através da educação devem refletir sobre isto. Como conclui Vivian (2007, p. 9):

[...] a aproximação entre os eixos investigativos: educação de jovens e adultos e uma alternativa de geração de trabalho e renda refletem-se como possível e capaz de construir novas bases para a educação. Essa aproximação é um caminho para a transformação, ou seja, uma nova possibilidade de se formar uma relação entre a educação e o trabalho, fundamentando a economia e as relações sociais como trajeto possível para a construção do conhecimento e a superação do trabalho como mercadoria precarizada. E essa relação se traduz como um movimento que colabora na formação humana do sujeito, pois uma educação que procura desenvolver a autonomia intelectual, moral e social é uma educação comprometida com uma prática emancipatória e com um projeto democrático de sociedade.

Assim, a escola enquanto importante instituição formadora não deve se prender aos ideais de um sistema dominante, mas considerar as necessidades de seus educandos e buscar oferecer uma formação o mais completa possível, que ofereça ferramentas para que as pessoas possam pensar a sua existência de forma mais ampla, reconhecendo as formas alternativas de sobrevivência que se apresentam nesta sociedade.

Algo muito positivo na Economia Solidária é que ela convida o ser humano a agir pensando em si, nas pessoas que o cercam, e no seu meio de maneira geral. De acordo com Singer (2005, p. 19):

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática. Não é preciso pertencer a uma cooperativa ou empreendimento solidário para agir solidariamente. Esse tipo de ação é frequente no campo político e no campo das lutas de classe, sobretudo do lado dos subalternos e desprivilegiados.

Como afirma Singer (2013), não é necessário que alguém pertença a alguma cooperativa ou empreendimento para praticar a solidariedade, este tipo de prática deve ser constante, visto que se refletirmos efetivamente sobre isto perceberemos que é muito difícil que alguém consiga viver sozinho, sem necessitar de outras pessoas em algum momento, e assim como necessitamos de outros podemos também ser úteis aos nossos semelhantes.

É importante que a educação seja utilizada como instrumento de humanização do ser e a solidariedade é elemento imprescindível para a completude do ser verdadeiramente humano. Nascimento (2005, p. 58) ao descrever a visita de Daniel Mothé (um dos pioneiros sobre autogestão na Europa) ao Brasil em 2004 analisa que:

A impressão que Mothé levou de nossas experiências expressa o sentimento de que a educação é um elemento estruturante da prática da Economia Solidária. Nesse sentido, a educação não é um elemento agregado – de fora – nem é um elemento que possa ser descartado, em algum momento. É uma dimensão componente da Economia Solidária. Com metodologias adequadas, a educação acompanha os desafios das experiências de trabalho associado ou autogestionário.

Ao pensar sobre este fragmento vê-se que a união entre educação e economia solidária pode ser de bastante relevância para que muitos jovens e adultos encontrem meios alternativos de inserir-se no mercado de trabalho, utilizando de maneira proveitosa os saberes que detêm e fazendo uso da autogestão.

Percebe-se que é de extrema importância verificar se o debate sobre a Economia Solidária ocorre nas salas de aula de EJA ou se este debate ainda não chegou às escolas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta investigação foi feita uma pesquisa descritivo-exploratória. De acordo com Gil (2002), este tipo de pesquisa geralmente busca analisar as peculiaridades de determinado grupo, proporcionar maior familiaridade com o problema e possibilitar o aprimoramento de idéias, e uma de suas características é o uso de técnicas para colher dados como o questionário e a observação, por exemplo. Neste caso, foram utilizados questionários semi estruturados como instrumento de coleta de dados. Estes questionários tinham como objetivo destacar alguns aspectos – gênero, faixa etária, profissão, motivos de estarem incluídos na EJA – relativos a estudantes de uma turma de EJA (3º ano/ ensino médio) da E. E. F. M. João de Oliveira Chaves, localizada na cidade de Monteiro, na Paraíba; outra questão primordial era explicar que tipos de conhecimentos estes alunos tinham sobre Economia Solidária, através da realização de um estudo de caso.

Responderam ao questionário 17 (dezessete) estudantes, número equivalente a mais de 50% (cinquenta por cento) do total de alunos que fazia parte da turma. Assim, a pesquisa realizou-se através de um estudo de caso, já que se buscou analisar uma situação real, mediante a investigação de um grupo específico, bem como apresentar o contexto no qual foi feita a pesquisa, buscando formular hipóteses e explicar as causas de algumas situações, através da análise das respostas obtidas através dos questionários, desta forma, a investigação se deu numa perspectiva de abordagem qualitativa.

Para que se pudesse ter um respaldo teórico foi necessária também a realização de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2002, p. 44), esta pesquisa “ [...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”. Assim, foi feito um levantamento de artigos, livros, artigos científicos e documentos que, de alguma forma, pudessem oferecer uma base concreta a esta pesquisa. Foi feito assim o estudo de caso na escola em questão, com várias anotações no diário de campo do pesquisador.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para dar suporte a esta investigação foram aplicados questionários em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual João de Oliveira Chaves, localizada no município de Monteiro - Paraíba.

Esta turma era composta por 25 (vinte e cinco) alunos, dentre os quais 17 (dezessete) responderam ao questionário aplicado, ou seja, 68% do total de alunos. As questões elaboradas eram muito simples e tinham como objetivo analisar aspectos referentes ao perfil dos estudantes que compõem a EJA, tais como gênero, idade, profissão e motivos de estarem participando desta modalidade de ensino. Outro objetivo do questionário era identificar se estes estudantes tinham algum conhecimento referente à economia solidária e, caso sim, onde e como haviam tomado conhecimento desta nova economia que cada vez mais ocupa novos espaços e alternativa de vida.

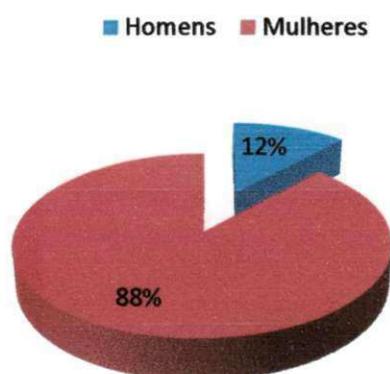
O motivo de o questionário ter sido aplicado em uma turma de EJA diz respeito ao fato de que os estudantes desta modalidade normalmente querem recuperar o tempo perdido ou mesmo ganhar tempo para inserir-se no mercado de trabalho, uma vez que veem na educação uma forma de ficarem mais preparados para enfrentar a crescente concorrência do mercado de trabalho atual. Desta maneira, conhecer e aplicar no seu cotidiano os princípios da economia solidária poderia ser uma forma alternativa de conseguir a tão almejada inserção no mundo do trabalho. Pensando nisso e considerando as respostas obtidas nos questionários, após a análise dos dados considerou-se importante a realização de uma visita à escola para conversar um pouco com os alunos participantes da pesquisa a respeito de economia solidária, visto que a grande maioria afirmou que não conhecia esta nova forma de economia.

O encontro com os alunos realizou-se no dia 12 (doze) de setembro do corrente ano (2013), à noite, durante uma aula de Sociologia em que o horário foi gentilmente cedido pela professora para que fosse possível apresentar para a turma os princípios básicos referentes à Economia Solidária. Sobre este encontro serão apresentadas mais adiante as principais impressões observadas, antes, porém, serão analisados os dados coletados durante a investigação.

a. Perfil dos participantes da pesquisa

Como já foi comentado, participaram da pesquisa 17 (dezessete) estudantes, sendo cerca de 88% (oitenta e oito por cento) do gênero feminino e 12% (doze por cento) do gênero masculino, como aponta a figura 01:

FIGURA 1- GÊNERO DOS PARTICIPANTES



Fonte: Elaboração própria (2013).

A figura 02 apresenta a faixa etária dos estudantes participantes da pesquisa:

FIGURA 02: FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES



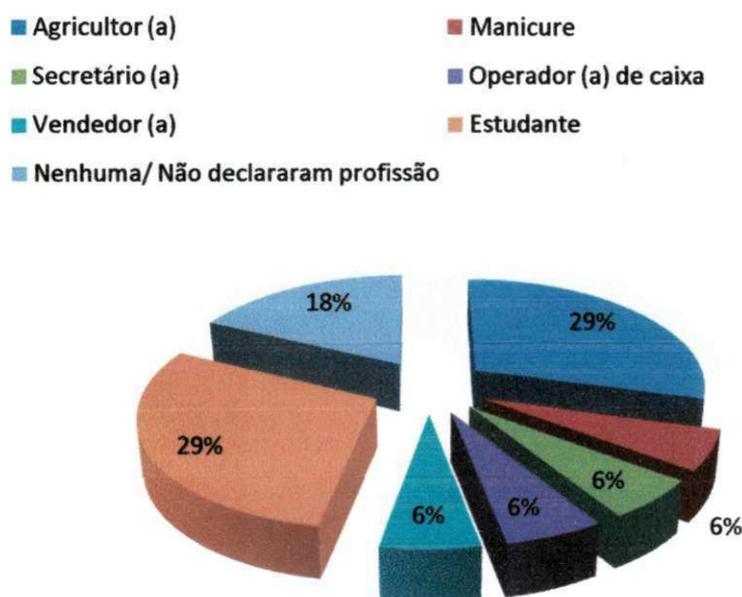
Fonte: Elaboração própria (2013).

Como observa-se, em termos percentuais, cerca de 53% (cinquenta e três por cento) dos participantes tinha de 18 (dezoito) a 30 (trinta) anos de idade, 29% (vinte e nove por

cento) estava abaixo de 18 (dezoito) anos, e o restante: 18% (dezoito por cento) tinha mais de 30 (trinta) anos de idade.

Em relação às profissões destes estudantes, observamos o seguinte:

FIGURA 03: PROFISSÕES DOS PARTICIPANTES



Fonte: Elaboração própria (2013).

Quanto às profissões dos participantes analisa-se que: 29% (vinte e nove por cento) trabalhavam como agricultor (a), 6% (seis por cento) como manicure, 6% (seis por cento) como secretário (a), 6% (seis por cento) como operador (a) de caixa, 6% (seis por cento) como vendedor (a), 29 % (vinte e nove por cento) declararam (se) estudante (s) e 18 % (dezoito por cento) informaram que não trabalhavam ou não declararam nada, deixaram em branco o campo “profissão”.

Foi investigado também o motivo pelo qual estes estudantes resolveram se matricular na EJA:

Um elemento fundamental que une a todos os participantes desta pesquisa é o reconhecimento de que continuam estudando ou voltaram a estudar (alguns depois de muitos anos fora da escola) porque entendem que somente através da educação poderão almejar a possibilidade de um futuro melhor, e esta possibilidade está normalmente atrelada a um trabalho melhor.

[...] O trabalho, por exemplo, tem papel fundante na vida dessas pessoas, particularmente por sua condição social, e, muitas vezes, é só por meio dele que eles poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos (ANDRADE, 2004, p. 3).

Como se observa, é o trabalho ou, mais especificamente, a possibilidade de conseguir um trabalho melhor um importante motivo para que muitos jovens e adultos retornem à escola e permaneçam tentando concluir os estudos mesmo com tantas dificuldades. Percebe-se que a maioria dos jovens e adultos que estão na EJA trabalha durante o dia e se esforça à noite, pensa em posteriormente melhorar suas condições de vida através do estudo.

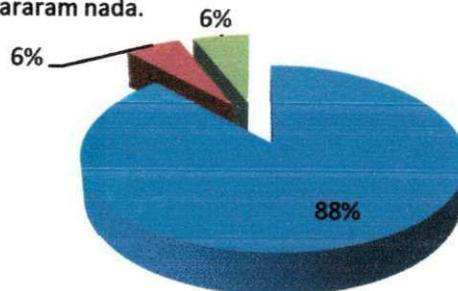
b. O que os estudantes da EJA sabem sobre economia solidária?

Além de poder conhecer o perfil dos estudantes da EJA, o objetivo primordial desta investigação era identificar que tipos de conhecimento estes estudantes tinham a respeito de Economia Solidária. Verificou-se que estes alunos da EJA, em sua, maioria, nunca sequer ouviram falar sobre este tipo de economia como mostra o gráfico 05:



FIGURA 05: CONHECIMENTOS SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA

- Nunca ouviram falar sobre Economia Solidária.
- Ouviram falar, mas não saberiam explicar como se dá esta economia.
- Não declararam nada.



Fonte: Elaboração própria (2013).

De acordo com os dados analisados, 6% (seis por cento) dos participantes da pesquisa ouviram falar sobre Economia Solidária, mas não saberiam explicar como esta economia ocorre na prática; outros 6% (seis por cento) não responderam nada, e os 88% (oitenta e oito por cento) restantes desconheciam o que era Economia Solidária.

Em virtude desta constatação considerou-se importante levar até estes estudantes algum tipo de conhecimento sobre esta economia que vem se desenvolvendo tanto em nosso país, como foi apontado no início deste trabalho.

No dia 12 (doze) de setembro de 2013, quinta feira, fez-se uma visita à Escola João de Oliveira Chaves, mais especificamente à turma do terceiro ano do ensino médio da EJA para promover uma discussão sobre o tema Economia Solidária. Esta discussão foi realizada durante uma aula de Sociologia cedida pela professora desta disciplina para que fosse possível o debate proposto. Inicialmente, após as devidas apresentações e esclarecimentos, questionou-se por que aqueles estudantes haviam retornado à escola depois de algum tempo. As respostas obtidas nos questionamentos foram as mais diversas, onde: alguns informaram que nunca haviam abandonado a escola, apenas migraram do ensino regular para a EJA por motivos que já foram esclarecidos aqui anteriormente, outros disseram que voltaram porque queriam terminar os estudos para tentar ingressar na faculdade, para poder participar de concursos, para ter um futuro melhor; enfim, foram várias explicações, mas todas interligadas pela preocupação de qualificar-se para buscar melhorias de vida, e tudo isto estava diretamente relacionado a possibilidades de trabalho.

Em seguida, aproveitando as respostas dadas que automaticamente remetiam à palavra trabalho, perguntou-se que tipos de problemas os trabalhadores rurais e urbanos enfrentavam

na sociedade atual, as respostas também foram diversas, entre elas: falta de emprego, falta de moradia, condições de vida precárias etc.

Mais uma vez aproveitando as respostas dadas, questionou-se o que poderia ocasionar os problemas enfrentados pelos trabalhadores que foram citados, e os alunos começaram a refletir, um ou outro expondo a sua opinião, onde aos poucos vários deles estavam participando da discussão. Foram citadas algumas causas para os problemas como: exploração, individualismo, competitividade etc. Automaticamente fez-se uma relação entre estas causas e o atual sistema econômico: o Capitalismo. Foi possível identificar que muitos problemas são causados pelo sistema capitalista em vigor na maioria dos países do mundo.

A partir desta constatação foi proposta aos alunos uma nova economia que, diferenciando-se em vários aspectos do Capitalismo, poderia ser a alternativa ideal para muitos dos problemas que os trabalhadores de todo o Brasil enfrentam hoje. Foram apresentadas as principais características da Economia Solidária que se contrapunham às características do sistema capitalista, e em seguida foi apresentado o vídeo “Economia Solidária”, no qual algumas pessoas davam depoimentos a respeito desta economia.

Para concluir, foi construído um “mural solidário”, com a ajuda de alguns estudantes, que continha os 10 (dez) princípios fundamentais que caracterizam a Economia Solidária, ao fim da discussão foram feitos os agradecimentos à turma, que além de responder aos questionários também participou ativamente da discussão proposta sobre o tema trabalhado. As imagens deste encontro foram disponibilizadas nos apêndices deste trabalho.

5 CONCLUSÕES

Ao longo desta investigação foi possível perceber a importância que a Economia Solidária vem adquirindo no cenário brasileiro e os muitos benefícios que esta economia pode representar para todos como meio alternativo ao sistema capitalista.

Levando em consideração as peculiaridades desta nova economia considerou-se de extrema relevância que cada vez mais pessoas tomassem conhecimento dos princípios da Economia Solidária. O público da EJA, como já foi apresentado ao longo do trabalho, foi escolhido por uma questão de coerência, visto que os jovens da EJA estão sempre buscando inserir-se no mercado de trabalho, nada mais coerente que este público conheça, com urgência, esta alternativa de inserção no mercado que pode ser a Economia Solidária. Inicialmente, objetivou-se conhecer o perfil destes estudantes e identificar o que sabiam sobre Economia Solidária para, em seguida, e após verificar que a grande maioria nem sabe que este tipo de economia existe propor um debate acerca das suas características ligadas aos princípios do cooperativismo, privilegiando a solidariedade e a autogestão.

Identificou-se que a discussão a respeito da Economia Solidária ainda não chegou às escolas no Brasil, uma vez que já no 3º (terceiro) ano do ensino médio, último ano escolar, pois se viu que a grande maioria dos alunos participantes desta pesquisa nunca tinha ouvido falar sobre esta economia. Vale salientar que é muito importante promover principalmente nas escolas este debate, pois a sociedade modifica-se constantemente e a escola deve acompanhar este ritmo de mudanças, buscando assimilar e transmitir as novas informações aos seus educandos.

A inquietação que ocasionou a produção deste trabalho foi de fato comprovada, uma vez que a discussão sobre Economia Solidária, apesar de frequente no ensino superior, não ocorre com tanta frequência na educação básica.

Espera-se que cada vez mais pessoas abracem a causa da solidariedade e autogestão (economia solidária) e busquem disseminar nos mais variados espaços possíveis a ideia de que o respeito ao próximo e ao meio ambiente, e a cooperação são ferramentas imprescindíveis para que se possa construir uma sociedade melhor e mais justa, onde todos tenham acesso a uma vida de qualidade, com respeito e dignidade em todos os lugares.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. R. **Os sujeitos educandos na EJA**. In: TV Escola, Salto para o Futuro. Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida. Boletim, 20 a 29 set. 2004. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/eja/index.htm>>. Acesso em: 06 ago. 2013.

ATLAS da Economia Solidária no Brasil 2005. Brasília: MTE, SENAES, 2006.

BRASIL. **Lei n. 9.394/96**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 2004.

FERNANDES, A. P. **O diálogo entre trabalho e educação de jovens e adultos: e a formação do cidadão?** In: 27a Reunião Anual da ANPED. Caxambu- MG, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GENTILI, P. **Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais**. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L. (orgs). Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Autores Associados, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IRELAND, Vera Esther J. da Costa. **Educação básica na Paraíba contemporânea**. Temas em Educação, João Pessoa, n. 10, p. 147-160, 2001.

IRELAND, T. D. , MACHADO, M. M. , IRELAND, V. E. J. da C. **Os desafios da Educação de Jovens e Adultos: vencer as barreiras da exclusão e da inclusão tutelada**. In: Economia solidária e Educação de Jovens e Adultos / Sonia M. Portella Kruppa (org.). Brasília- DF: Inep, 2005. p. 91-100. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/cibec/2005/titulos_avulsos/econ_solidaria_educacao_JA.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2013.

KRAYCHETE, G. **Seminário Internacional sobre economia solidária: Desafios para um novo tempo**. [Comentários realizados]. Salvador: Fundação Luiz Eduardo Magalhães, 2002.

KRUPPA, S. M. P. (2005). **Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano**. In: Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos / Sonia M. Portella Kruppa (org.). Brasília- DF: Inep, 2005. p. 21-30. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/cibec/2005/titulos_avulsos/econ_solidaria_educacao_JA.pdf> Acesso em: 10 mai. 2013.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. In: Economia Solidária volume 1. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares dia 20/03/2002. p. 4-17.

LEITE, Márcia de Paula. **A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.24: nº69. Fevereiro de 2009.



LISBOA, Armando de Melo. **Economia solidária: incubando uma outra sociedade.** Disponível em: <<http://www.fase.org.br/projetos/vitrine/admin/Upload/1/File/Proposta97/armandolisboa97.pdf>> Acesso em: 03 mai. 2013.

NASCIMENTO, Cláudio. **Autogestão: economia solidária e utopia.** Outra Economia. V. II, n. 3, 2º, 2008.

POCHMANN, Márcio. **Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites.** Disponível em: <http://www.ufpa.br/itcpes/documentos/es_possibilidades_e_limites.pdf> Acesso: 03 mai. 2013.

SILVA, J. B. da, BARCELOS, C., CORREA, L. T. **Cooperativismo, economia solidária e a educação popular em Paulo Freire como chave para a transformação social,** 2008. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire/COOPERATIVISMO,%20ECONOMIA%20SOLIDARIA%20E%20A%20EDUCACAO%20POPULAR%20EM%20PAULO%20FREIRE%20COMO%20CHAVE%20PARA%20A%20TRANSFO.pdf>> Acesso: 05 mai. 2013.

SILVA, Luiz Antônio C. da. **A reestruturação produtiva, transformações no mundo do trabalho e a nova alternativa para o capital: a economia solidária.** Monografia apresentada ao Programa de Pós- Graduação da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da UFCG. Campina Grande, 2010.

SINGER, Paul. **A Economia Solidária como ato pedagógico.** In: Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos / Sonia M. Portella Kruppa (org.). Brasília- DF: Inep, 2005. p. 13-20. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/cibec/2005/titulos_avulsos/econ_solidaria_educacao_JA.pdf> Acesso em: 10 mai. 2013.

_____, Paul. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

VIVIAN, Danise. **A educação de jovens e adultos e a economia solidária.** In: XXIII Seminário Brasileiro, V Congresso Luso-Brasileiro, I Colóquio Ibero-Americano de Política e Administração da Educação, 2007. Cadernos ANPAE. Porto Alegre - RS, 2007.

APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Prezado (a) Aluno (a):

O presente instrumento de pesquisa constitui um dos elementos integrantes do trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano/UFCG, como exigência para obtenção do **Título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e em Economia Solidária**, que deverá subsidiar a etapa referente à pesquisa de campo, cujo objetivo central é verificar **O QUE OS ESTUDANTES DA EJA SABEM SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA** (estudo de caso). Solicitamos sua colaboração no sentido de responder este **questionário** com precisão e prontidão ao roteiro aqui elaborado.

Cabe destacar o sigilo relativo aos participantes, que neste estudo não há respostas certas ou erradas, bem como não haverá individualização de respostas. Esteja certo de que a sua participação é muito importante para o êxito desta pesquisa.

Cientes de sua valiosa contribuição, agradecemos antecipadamente.

Amanda da Silva Prata, orientanda. E-mail: amanda_prata@hotmail.com

Ms. Luiz Antônio Coêlho da Silva, Prof. Orientador. E-mail: luidd@yahoo.com.br

UFCG-BIBLIOTECA

ROTEIRO DA ENTREVISTA**Município:** _____/PB**Escola:** _____**PERFIL DO ENTREVISTADO****1. Gênero:** () Feminino () Masculino

Nome: _____

Idade: _____ Profissão: _____

1. Você já ouviu falar sobre *Economia Solidária*?

Sim () Não ()

2. Caso sim, o que você sabe sobre este tipo de economia e como passou a conhecê-la?

3. Por que você parou de estudar e o que o (a) fez retornar à escola?

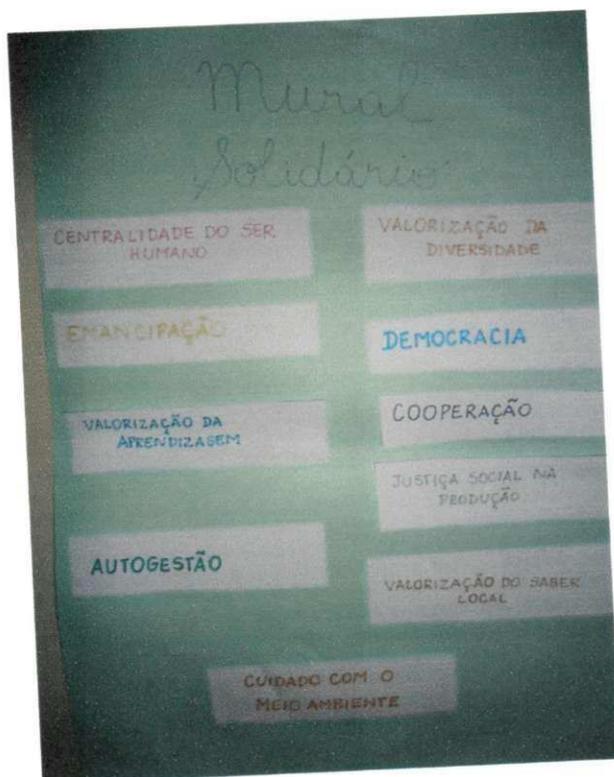
UFCCG-BIBLIOTECA

APÊNDICE B: FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIAS TIRADAS DURANTE A VISITA À ESCOLA



UFCG-BIBLIOTECA



Fonte: Fotos tiradas pela pesquisadora (2013).